

OPINIÃO

Para esse levantamento das atividades de artes visuais, no Rio, em 1974, solicitei a colaboração dos críticos aqui mais atuantes, bem como de alguns artistas que não tivessem exposto na mesma cidade, no correr do ano de 1974. A todos foi submetido um questionário de três quesitos (quais as 10 exposições de maior interesse, individuais ou coletivas, quais os cinco melhores museus ou galerias, no conjunto de sua programação, e que fato teria sido o mais importante do ano, no setor), complementados por uma breve opinião em torno do comportamento geral das artes visuais no Rio, em idêntico período. Mas a cada um se deu liberdade de forma de resposta.

ABELARDO ZALUAR / ARTISTA E PROFESSOR

É sensível o crescimento da valorização da arte no Rio. Em 1974, assistimos avolumar-se o número de exposições e outros acontecimentos, bem como a elevação de seu nível, desde o aspecto criação até a apresentação das obras, em galerias bem montadas, catálogos de programação visual e conteúdo cada vez mais ricos e expressivos. As exposições e os leilões, os lançamentos de livros sobre arte e a extensão e profundidade das matérias artísticas na nossa imprensa, deram a medida do crescimento ocorrido, reflexo de um crescimento geral maior.

Sem desejar incorrer na injustiça de um balanço estatístico, lembro-me como fatos que me impressionaram a exposição da Bauhaus, a inauguração da bela Galeria Graffiti e a individual de Wilma Martins. Não quero esquecer o apoio de empresas oficiais e privadas da GB, integrando a arte em suas organizações ou patrocinando-as em várias modalidades. Como fato a destacar o retorno de bons artistas brasileiros que se encontravam no exterior.

FRANCISCO BITTENCOURT / CRÍTICO TRIBUNA DA IMPRENSA

Por ordem cronológica de realização, as 10 exposições de maior interesse foram as de Anna Bella Geiger, Vinício Horta, Walmécio Caldas, Barrio, Paulo Estellita Herkenhoff, Ivan Freitas, Quatro Desenhistas (Amador Perez, Mauro Kleiman, Noni Geiger e Cristina Tati), Fayga Ostrower, Wilma Martins e Eduardo Sued. Uma citação especial merecem as retrospectivas Guignard e Ivan Serpa, as mostras didáticas da Bauhaus, de Antônio Maia e Dionísio del Santo, a exposição de arte pré-colombiana e a individual de Arthur Luiz Piza.

Os conjuntos de programação que a meu ver mais se destacaram foram os da Galeria de L B de Holanda e Paulo Bittencourt, da Bolsa de Arte, do MAM, da Galeria Bonino e da Petite Galerie. Como fato mais importante do ano, no setor, indico a fundação da Sociedade de Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente, para proteger o imenso acervo criado pelos artistas do Hospital Pedro II, no Engenho de Dentro.

A emergência da vanguarda verdadeira, depois de longo período de diluição e obtusidade, marcou afirmativamente o ano que termina. A Central de Arte Contemporânea, embora de vida efêmera, foi o projeto mais corajoso e aberto nesse campo, revelando em quatro exposições a intensa atividade de uma vanguarda sempre rebelde e anticoncessiva.

FREDERICO MORAIS / CRÍTICO E ARTISTA

As 10 exposições mais importantes: Wilma Martins, Antônio Dias, Sued, Walmécio, Krajberg, Dionísio del Santo, 4 Desenhistas (A. Perez, M. Kleiman, N. Geiger e C. Tati), Arte em Posição Crítica, Ivan Freitas e Iole de Freitas. A destacar, ainda: Bauhaus, Paulo Estellita Herkenhoff, Ivens Machado, J. C. Galvão, Vergara, Luiz Áquila da Rocha Miranda, Serpa, Nelson Pereira dos Santos, Volpi, Gravadores Contemporâneos Ingleses, Piza, Manuel Messias, Mavignier, José Tarcísio e Anna Bella Geiger. Entre os museus e galerias: a Galeria de L B de Holanda e Paulo Bittencourt, a Bolsa de Arte, a Central de Arte Contemporânea, o Centro Lume (em destaque a qualidade dos catálogos) e o MAM (algumas exposições significativas não bastaram para encobrir a ausência de uma política cultural bem definida, o que me parece indispensável pelo motivo do Museu ocupar posição hierárquica no sistema das artes).

Como fato importante, nenhum positivo. Muita coisa, porém, a lamentar, como a série de equívocos gerada pela passagem de Pierre Restany pelo Rio. É tempo de escrever o livro branco de suas viagens ao Brasil.

1974 indicou um esforço de retomada do diálogo entre os artistas, que se reuniram frequentemente a fim de propor alternativas para a arte brasileira. Nesse sentido, a passagem de Antônio Dias foi estimulante. Que o diálogo prossiga agora entre artistas críticos e o próprio Governo. É tempo já de uma reabertura cultural.

GERALDO EDSON DE ANDRADE / CRÍTICO, DIÁRIO DE NOTÍCIAS

1974 foi de expectativa quanto ao comportamento do mercado de arte, sobretudo após o estouro da Collectio. Assim, as galerias tiveram uma programação sem novidades, de valor cultural relativo, com poucas chances para o jovem. Mas é justo que se destaque as retrospectivas Ivan Serpa, Guignard e Antônio Maia, e as mostras de Vicente do Rego Monteiro, Flávio Shiró, Siron Franco, Volpi, Iberê Camargo, Wilma Martins e Arte Pré-Colombiana. Com programação regular, atuam três museus no Rio — o Nacional de Belas Artes, o MAM e o da Cidade. O primeiro passou a mostrar permanentemente, em espaço amplo, o seu acervo de arte brasileira, o segundo acertou em algumas retrospectivas, preocupou com as individuais, inclusive de estrangeiros, embora acertando na de Krajberg. Quanto ao último foi modesto, com apenas uma mostra razoável, de Sílvia Chalréo.

O fato mais importante foi a confirmação e a explosão do desenho através de jovens talentos por todo o Brasil. O desenho é hoje força tão importante para a arte brasileira quanto o foi, anos atrás, a gravura.

Enfim, num ano de crises, os leilões voltaram a dominar, ameaçando algumas galerias; fortalecendo outras que a eles aderiram com força total,



IVAN SERPA

ainda que jogando com o prestígio de certos artistas de valor, cujas cotações apregoadas chegam em muitos casos a ser humilhantes.

JAYME MAURÍCIO / CRÍTICO, ÚLTIMA HORA

Entre as exposições de maior interesse, aponto coletivas como o Salão de Verão, o Salão Nacional de Arte Moderna, a mostra da Bauhaus e a de arte pré-colombiana. As individuais trouxeram surpresas positivas em Krajberg, Wilma Martins e Glauco Rodrigues. E aconteceu a afirmação plena de uma personalidade nova — o goiano Siron Franco. Quanto às programações, cito as do MAM e do Museu Nacional de Belas-Artes — de resto, os dois únicos atuantes no Rio. As galerias estão entre os leilões, os picadinhos de fim de ano e raras individuais. Algumas, porém, organizaram exposições informativas e culturais para além do simples mercado como a Bonino, a Bolsa de Arte e a Petite Galerie.

O fato mais importante foi a posição do MEC, com o Ministro Passarinho, ao concluir o trabalho de fusão e reformulação das mostras nacionais do Governo, ainda não encaminhado ao Congresso, bem como o levantamento da pintura ingênua brasileira, realizado mas paralisado no MNBA. O centenário do impressionismo seria também um fato, caso tivesse havido algo importante na GB.

O comportamento das artes plásticas em 1974, foi, portanto, o de atender à demanda mercadológica, tentar iludir a opinião com imitações importantes e mostrar algumas raras, mas positivas manifestações verdadeiramente criadoras, que continuam salvando a vitalidade artística carioca.

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE / HISTORIADOR E CRÍTICO

Entre as exposições, ressalto a mostra didática da Bauhaus, as retrospectivas Guignard e Serpa, as mostras museográficas Do Impressionismo à Escola de Paris e Arte Pré-Colombiana, e as individuais (de arte viva) de Ivan Freitas, Krajberg, Dionísio del Santo, Mavignier e Siron Franco. As melhores programações foram as do MAM, Bolsa de Arte e das Galerias Vernissage, L B de Holanda e Paulo Bittencourt, e Bonino.

Um ano sem maior relevo, em que algumas boas exposições não chegaram para disfarçar o tom geral de província cultural em que todos vivemos e trabalhamos. Com raras exceções, imperam o carreirismo, a auto-promoção e a mediocridade. E o mercado de arte e a **focosa das artes** ainda sobrepõem de muito o campo da pura criação artística.

MARC BERKOWITZ / CRÍTICO

Mencionando apenas as exposições que vi, destaco a póstuma de Ivan Serpa, a da Bauhaus e a de 12 Desenhistas do Rio (claro, eu organizei!), além das individuais de Ivan Freitas, Rafael Perez, Olly, Vinício Horta, Piza e Ivald Granato. Quanto ao trabalho de museus e galerias, achei os melhores a Galeria de L B de Holanda e Paulo Bittencourt, o Museu Nacional de Belas-Artes (pelo esforço bem sucedido de incluir a arte atual na sua programação) e a Galeria da Maison de France.

O fato que me pareceu mais importante foi o enorme interesse despertado pela mostra da Bauhaus, provando que para exposições de valor e bem montadas existe um grande público.

O ano foi igual aos outros. Com exceção da Galeria de L B de Holanda, não houve qualquer esforço consciente e com continuidade para elevar o nível das artes plásticas. Atuação negativa de certas entidades, dos leilões, da maioria das galerias comerciais. Mas nem tudo está perdido.

MARIA DE LOURDES NOVAES / ARTISTA E PROFESSORA

As exposições de maior interesse foram: Bauhaus, Le Parc, Fletcher Benton, Antônio Maia, Piza, Anna Bella Geiger, Omar Rayo, Wilma Martins, Krajberg e a do Livro Infantil. Quanto ao conjunto da programação, destaco o MAM, as galerias Bonino, Ipanema e IBEU, e a Petite Galerie.

Como fato mais importante, refiro a mostra da Bauhaus, que veio questionar mais uma vez a necessidade de permanente reformulação do ensino artístico, ao mesmo tempo em que utilizava excelente técnica para mostra audiovisual, complementada com palestras e filmes.

O ano mostrou tendência para apresentar exposições a partir de uma proposição, dando-lhes maior significado. Houve também o surgimento de jovens, já seguros, e a organização de mostras estrangeiras abrindo caminho para maior entendimento entre os homens. Cresceu o interesse do público pelas artes em geral.

MÁRIO BARATA / CRÍTICO E PROFESSOR

As 10 exposições foram: Arte em Posição Crítica, Bauhaus, Gravadores Contemporâneos Ingleses, Guignard, Serpa, Paineis Tiradentes (de Portinari, no MEC), Prêmio Galeria Maison de France, Renouveau de la Figuration, Reflexos do Impressionismo e VI Salão de Verão. Entre os museus, destaca-

o MAM, e, entre as galerias, a Bolsa de Arte, a Maison de France, a Bonino e, com jovens de vanguarda, a Grupo B e a Central de Arte Contemporânea. O fato fundamental do ano foi a mostra Bauhaus, pela enorme repercussão entre os jovens.

Sobre o comportamento geral em 1974, creio que houve pouco lazer e bem-estar para ver o que era apresentado, e insuficiente difusão dessas atividades. Faltam revistas de arte e houve indecisões e lacunas na programação de muitas instituições. Clarificou-se o perigo da especulação do mercado e da arte que lhe é subsidiária. Destacaram-se, positivamente o reforçamento da Galeria da Maison de France e a continuidade de outras do tipo cultural, como o Centro Lume e a do IBEU. Refiro ainda a criação da Sociedade dos Amigos do Museu de Imagens do Inconsciente.

OSMAR DILLON / ARTISTA

Deixando de lado as exposições de amigos, outras mostras me interessaram em 1974, sobretudo a da Bauhaus; apesar de incompleta, destaco-a como o fato mais importante do ano, por mostrar didaticamente o que foi o ponto de partida de numerosos setores da arte de hoje. Refiro ainda a retrospectiva Ivan Serpa, a mostra de arte pré-colombiana e as individuais de Ivan Freitas, Piza, Barrio, Walmécio, Sued, Gastão M. Henrique e, entre os **naifs**, Elza O. S. Como revelações, Siron Franco, Maria Luíza Serra de Castro, Arlindo Daibert, José Roberto Aguilar, Noni Geiger e, reaparecendo, Wilma Martins.

A Galeria de L B de Holanda e Paulo Bittencourt, a Bolsa de Arte e o MAM apresentaram as melhores programações do ano. A Bonino, menos dinâmica e certa de que antes, continua com categoria. A Ipanema, desigual, mas mantendo dinamismo. Uma menção ao Grupo B, que deu chance a muita gente nova de valor.

Nada realmente novo apareceu em 1974, ano de arte bem comportada. Muitas retomadas de coisas já feitas. Ótimos desenhistas vindo à tona: foi o ano do desenho. Mil galerias surgiram, mil pessoas viraram artistas, mil leilões todos os dias. Assustada pelo rebulido de coquetéis, vernissages e milhões de cruzeiros, a jovem vanguarda (disse **jovem**) quase não apareceu.

ROBERTO MARINHO DE AZEVEDO / CRÍTICO, VEJA

Foi um ano que nada teve de extraordinário. Nenhuma grande exposição. E as melhores foram retrospectivas: Serpa, Guignard e Bauhaus, todas no MAM. A primeira revelou obras quase desconhecidas do pintor, a segunda repetiu o que já sabíamos e a terceira foi, de certa maneira, triste, mostrando que na primeira metade deste século houve muito mais criatividade do que nos anos do pós-guerra. Nas galerias, houve interesse nas mostras de Fayga Ostrower, Wilma Martins, Antônio Maia e Siron Franco, além da exposição de arte pré-colombiana. O MAM manteve seu ritmo de decadência, mas ainda assim continua o mais importante da cidade. O de Belas-Artes reabriu suas galerias de obras estrangeiras e nacionais, e realizou uma bem cuidada exposição sobre os reflexos do impressionismo no Brasil. Entre as galerias, a de L B de Holanda e Paulo Bittencourt destacou-se por sua programação de vanguarda.

Apesar da crise econômica, o mercado de arte continuou ativo, verificando-se um aumento de venda nos leilões. Mas nenhum acontecimento fez jus ao título de O Mais Importante do Ano.

RONALDO BRITO / CRÍTICO, OPINIÃO

O verdadeiro suporte de qualquer exposição ou evento de arte não é o lugar — a galeria ou o museu — onde se realiza. Mas o ambiente cultural e, mais precisamente, o circuito de arte que o abriga e do qual é produto. Desse modo, uma análise das exposições ocorridas em 1974 passa inevitavelmente por outra mais complexa: a do sistema geral das artes plásticas e suas significações sociais, o que torna mais ou menos inútil apontar as melhores exposições ou as instituições que organizaram os programas mais interessantes. Não esota dizendo que tenham sido inúteis. Digo apenas que é necessário pensar de modo global quando se trata de um circuito de arte. Três ou quatro excelentes mostras não chegam a ser decisivas nesse sentido.

O ano de 1974 foi ao mesmo tempo um ano de continuidade e de transição. Esteve longe de romper o domínio de um mercado que transformou o circuito de arte inteiro num jogo financeiro — qual o universitário que entra numa galeria? — a nesse sentido repetiu os últimos anos. Mas, de uma forma que o público provavelmente ainda não percebeu, 1974 começou a lançar as bases para a retomada de discussão crítica em torno da arte. Uma movimentação, vaga e surda, começa a ocorrer entre artistas que têm consciência da necessidade de transformar o circuito de um modo geral, tornando-o um local de troca de informações, e não apenas de mercadorias.